

### A luta cheyenne contra a versão branca da história

Ricardo Martins Valle

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil

Endereço eletrônico: ricardomartins.valle@uesb.edu.br

Sabrina Rocha Ferreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil

Endereço eletrônico: sabrina.rocha.ferreira@live.com

1524

**Palavras-chave:** George Bent. Cheyenne. História indígena. Letras indígenas. Invasão colonial

## INTRODUÇÃO

No Brasil, os relatos coloniais sobre a dizimação indígena são relativamente mais raros e raramente estão desvinculados do aparato do Estado português, predominando nas práticas letradas o caráter legitimatório dos feitos da civilização cristã. Na história norte-americana, por sua vez, os relatos sobre a resistência guerreira indígena têm fontes muito diversificadas, que remontam aos primórdios da colonização na Virgínia, no início do século XVII. Entretanto, na última década do século XIX, após o massacre de Wounded Knee contra os Sioux de Touro Sentado e a prisão de Gerônimo, o Apache, a atitude guerreira tornou-se inviável para os povos nativos. Já na geração seguinte, porém, a luta persistirá por meio da atuação política e da literatura, realizada como testemunho contra “o lado branco da narrativa” (FALLER, 2000).

## METODOLOGIA

Este projeto busca pesquisar e traduzir fontes primárias da “questão indígena” americana pouco conhecidas no Brasil. Ao serem trazidas à luz em nossa língua, essas narrativas colocam à prova histórias contadas e silêncios deixados pelo lado hegemônico

**Realização:**



**Apoio:**



dos embates coloniais brasileiros. Nosso objetivo é difundir narrativas relegadas pela colonização dos discursos sobre a colonização no Brasil.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em todas as Américas, sob formas desproporcionalmente violentas, a invasão colonial e a dominação dos povos nativos formaram um duradouro processo de expropriação de territórios e eliminação de sistemas culturais a eles adaptados. A memória tradicional que a cultura oral perpétua e a luta dos povos originários historicamente registrada revelam, porém, riquezas de uma herança cultural, elaborada por séculos de conexão com os próprios territórios, atualmente devastados ou ameaçados pelo desenvolvimento agressivamente induzido pela civilização moderna. Desde o século XVIII, muitos registros indicam que a luta com as palavras contra a assimilação e a desumanização é particularmente notável em trajetórias de indivíduos indígenas norte-americanos. Enquanto na colonização católica portuguesa, o letramento foi especialização restrita a determinados estamentos da própria governança, encontramos na invasão da América do Norte uma maior diversidade de testemunhos indígenas em fontes primárias, mesmo antes do século XIX.

Num país de colonização predominantemente protestante, e por isso hiper letrada, há além disso um conjunto muito heterogêneo de testemunhos, a par da documentação oficial e dos livros impressos. Na América Portuguesa, impressos não poderiam sair à luz sem um certo número de chancelas oficiais, que iam desde as mesas censórias até a obrigatoriedade das relações de mecenato, que vinculavam estreitamente as práticas letradas à oficialidade do Estado. Na América do Norte, livros e outros documentos foram escritos por mulheres, soldados, oficiais de baixa patente, jornalistas, intérpretes, missionários de diversas confissões, comerciantes e “homens de fronteira” em geral - indivíduos que em Portugal jamais comporiam um estrato letrado.

Após as mortes de Touro Sentado e Gerônimo e o fim da resistência guerreira, a escrita se tornaria uma arma importante para as primeiras gerações indígenas que viram esmagadas quaisquer esperanças de perpetuação de seus modos de vida livre. No livro

### Realização:



### Apoio:



Life of George Bent: Written from his Letters, Bent vale-se de depoimentos de anciãos e do conhecimento direto da tradição de seu povo, além de relatar seu próprio testemunho em episódios sangrentos como o Massacre de Sand Creek, que em novembro de 2024 completa 160 anos. Com a ajuda de George Hyde, um historiador não acadêmico do mundo indígena, o livro foi concluído em torno de 1915, mas publicado apenas em 1968, logo após a morte de Hyde e exatamente 50 anos após a morte de Bent. Vindo à luz naquele ano particularmente agitado por movimentos libertários, a enorme narrativa Cheyenne de Bent desempenhou um papel significativo no contexto de renascimento do movimento indígena nos Estados Unidos. Bent nasceu nas terras altas dos sertões do Colorado, em 1843, três anos antes do início da invasão do Novo México, Arizona e Califórnia pelo exército dos Estados Unidos. Passou a infância entre o teepee de sua mãe e o estabelecimento comercial de seu pai, William Bent, um Forte construído em barro à maneira dos indígenas do Novo México.

White Thunder, seu avô materno e grande xamã dos Cheyenne do sul, era herdeiro da profecia do quase lendário Sweet Medicine, que, no início do século XIX, havia anunciado o fim da vida livre pela chegada de homens brancos “com cabelo em todo rosto”. White Thunder viu na relação de amizade com o amigoso comerciante de peles recém-instalado naquele território a possibilidade de impedir o desaparecimento de seu povo e por isso fez com que suas três filhas se casassem com William Bent. Este manteve a relação matrimonial realizada em rito indígena e criou todos os cinco filhos frutos dessas uniões, não buscando um casamento cristão para constituir herdeiros, ao contrário da maioria dos oficiais e homens de fronteira, que faziam filhos entre os nativos, em ritos tradicionais de amizade, e depois retornavam para a cidade para casarem-se com moças cristãs. Após passarem por uma educação escolar em St. Louis, George e o irmão, Robert, chegaram a tomar parte no início da Guerra Civil. Após essa breve participação, decidiram viver como Cheyenne, casando-se dentro do próprio grupo nativo e tomando parte nos principais eventos guerreiros da resistência indígena. Comprometido com a missão de seu avô (HALAAS & MASICH, 2004), Bent buscou documentar as narrativas de seu povo e as últimas lutas de resistência contra os abusos da invasão, dando detalhes impressionantes sobre conflitos importantes como forma de manter vivas a cultura, a memória e a luta dos Cheyenne.

**Realização:**



**Apoio:**



Com seu relato, Bent utiliza estrategicamente a educação de branco que recebeu e assegura uma acurada versão indígena da história de seu povo e do território em que nasceu. Entre 1848, com a anexação das colônias espanholas a oeste, e 1887, com a lei de loteamento geral, testemunhou o fim de um mundo e de um modo de vida. Foi, enfim, obrigado a conformar-se à vida na reserva de Oklahoma, com um emprego público de intérprete. Conheceu os efeitos perversos da Lei Dawes, que promoveu, como uma “solução final” para a “questão indígena”, o loteamento de todos os territórios originários, o que levou à dissolução inclusive do sistema de reservas e com isso à última forma de posse coletiva da terra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o pensamento indígena tem se revelado uma fonte profícua para o adensamento de uma crítica muito singular das formas exógenas de ocupação e usos da terra, capitalizada como fonte de recursos naturais e transformada em propriedade privada no decorrer dos últimos cinco séculos, segundo modelos de exploração que põem em risco atualmente a própria saúde do planeta (KOPENAWA, 2015). Lideranças indígenas norte-americanas e brasileiras, presentes e passadas, desempenham papéis similares na defesa de suas tradições e de sua relação com a terra, conectados pela resistência à devastação, promovendo diálogos transculturais que ultrapassam fronteiras e tempos históricos. Desafios que hoje implicam o mundo todo podem encontrar nas chamadas culturas tradicionais respostas para impasses de natureza política, social e ambiental produzidos pela “civilização moderna”.

Nessa perspectiva, a tradução e análise de testemunhos históricos como os de George Bent revelam um legado de luta e preservação cultural que ressoam profundamente nas lutas contemporâneas enfrentadas pelos povos originários no Brasil. Valendo da difícil, mas estratégica, posição de “half blood”, a obra de Bent representa o enfrentamento de processos sistemáticos de marginalização e opressão e visa preservar e promover a identidade da civilização originária que escolheu, antes de “resignar-se ao inevitável”: o confinamento e a aceitação dos modos de vida da civilização invasora. O

Realização:



Apoio:



trabalho atual se apresenta, portanto, como uma prova de que a resiliência desses povos não apenas deu frutos: esses frutos ainda se disseminam por campos estrangeiros como o território da escrita e da tradução para diversas línguas.

A valorização dessas narrativas, bem como a ação de colocá-las em posição de destaque, é fundamental para colaborar com os povos indígenas na sua trajetória, atual e atuante, fortalecendo o avanço da busca por reconhecimento. As valiosas lições preservadas transcendem fronteiras geográficas e históricas e podem oferecer respostas aos desafios políticos e ambientais que hoje todos os povos procuram pela construção de um novo modelo de relação com a terra e de compartilhamento do planeta entre todos os povos.

## REFERÊNCIAS

BENT, George; HYDE, George. **Life of George Bent. Written from his letters.** Norman: University of Oklahoma Press, 1979.

EASTMAN, Charles A. **The Indian Today.** The Past and the Future of the First American. Garden City, NY: Doubleday Page & Co. 1915.

FALLER, Lincoln. Making Medicine against the White Side of History. George Bent's Letters to George Hyde. In: **American Indian Quarterly.** Winter 2000, vol. 24, n.1.

HALAAS, David Fridtjof; MASICH, Andrew E. **Halfbreed.** The Remarkable True Story of George Bent Caught between the Worlds of the Indian and the White Man. Cambridge: Da Capo Press, 2004.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu.** Palavras de um Xamã Yanomami. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Realização:



Apoio:

